

Greve de ocasião

Não é ético nem honesto qualquer entendimento que procure confundir oportunidade e oportunismo. Mas na decisão da assembléia do Sinpol de decretar a greve dos policiais civis esta orientação pode estar embutida em dose dupla. Bastou que o aumento da criminalidade levasse a sociedade a um misto de pavor e indignação para que a categoria desencadeasse o movimento, com duração fixa de uma semana, mas prorrogável pelo tempo que considerar necessário.

A exploração desse momento de pânico faz com que a greve não seja apenas oportuna, do ponto de vista da classe policial, para se tornar oportunista, quando analisada do ângulo de percepção da população que se sujeita a suas conseqüências. Isso, porém, não dá toda a dimensão do problema. Autoridades do Governo do Distrito Federal consideram que o movimento grevista tem objetivo político-partidário, e se destina a desgastá-lo. O que, se confirmado, constitui uma segunda e injustificada manifestação de oportunismo em prejuízo da comunidade.

Refém de toda essa situação fica a população de Brasília. Quem tem contato com os organismos policiais não consegue ver os 30% dos efetivos que estariam trabalhando em cumprimento às exigências legais da paralisação de um serviço essencial. Se isso efetivamente acontece, se as delegacias e a Coordenação de Polícia Especializada estão vazias, e existe a determinação da polícia de só registrar e investigar ocorrências de crimes hediondos, surge um contra-senso não explicado. Para fazer apenas parcialmente o trabalho burocrático, os 30% deveriam ter presença visível em algum lugar, com disposição para prestar os serviços que anunciaram e qualquer outro necessário à população. Caso contrário, além de oportunista, a categoria estaria agindo de maneira irresponsável e ilegal.